

A ERUDIÇÃO CRÍTICA DE NOGUEIRA MOUTINHO

Quando o assunto é crítica literária, Pindamonhangaba tem um nome do maior quilate a representá-la: José Geraldo Nogueira Moutinho.

Francisco de Assis Barbosa, da ABL, ombreou-o a grandes vultos da imprensa literária opinativa, tais como: Antonio Cândido, Adonias Filho, Afrânio Coutinho, Sérgio Milliet e Brito Broca.

O jornalismo de Nogueira Moutinho está voltado para o texto, não para o autor, o que faz dele “o mais completo analista de textos da imprensa brasileira que possuímos. Seus artigos na *Folha de São Paulo*, se couber uma comparação, são da categoria de um T. S. Eliot da fase áurea de *Criterium*.” (Francisco de Assis Barbosa na orelha do livro **A Fonte e a Forma - 50 ensaios sobre literatura contemporânea**).

Por mais de 15 anos, a partir de julho de 1961, assinou uma coluna literária nas edições dominicais da *Folha de São Paulo* sempre buscando aquilo que considerava ser a função ideal da crítica: a aproximação enquanto junção de conhecimento e intuição.

Nesta edição, apresentamos a crítica ao livro **Jeremias Sem-Chorar**, de Cassiano Ricardo, publicada em 28.06.1964.

Jeremias Sem-Chorar

José Geraldo Nogueira Moutinho

Após haver-me demorado em algumas reflexões surgidas à leitura dos livros de Cecília Meireles e Augusto Frederico Schmidt, momentos de grande altura na obra desses poetas, textos enriquecedores da literatura à qual pertencem, desejo anotar algumas idéias originadas durante a tomada de contacto com o terceiro grande livro aparecido em 1964: **Jeremias Sem-Chorar**, de Cassiano Ricardo.

Ao lado de Cecília e de Schmidt, Cassiano prossegue a missão dos poetas: explicar-nos a realidade, a essência das coisas. Embora seu rumo seja em outra direção, embora sua vista se aplique ao deslinde de outros espetáculos, embora sua postura divirja da tomada diante dos acontecimentos por aqueles dois poetas, seus companheiros (ou quase) de geração, Cassiano, qualitativamente está em plano idêntico.

Se ao crítico fosse possível manipular com rigor matemático os dados que os três poetas ofertam, se lhe fosse dado reduzir a um termo único e comum a sua vária contribuição, certamente que ao fim dos seus cálculos iria ele descobrir alguma coisa semelhante a um campo unificado, no qual, reduzidas à sua expressão mais simples, as palavras dos três teriam o mesmo valor e o mesmo “pondus”, convergindo para o mesmo ponto, tendendo à verdade.

Com isso quero significar que as diferenças entre os poetas de qualidade são apenas superficiais e que isso a que damos o nome de estilo e de caracteres pessoais não é senão o signo aparente de uma realidade mais profunda e invisível, da diversidade de grau que os poetas atingem quando descem às regiões inferiores, “ad inferos”, em busca e à cata da verdade. Schmidt e Cecília caminham para o intemporal e o incorpóreo; Cassiano está flanqueado pelo temporal e pelo corpóreo. Os primeiros abstraem o mundo presente; Cassiano se aplica na transfiguração do mundo presente. Sua visão pessoal da realidade é dirigida no sentido de explicar-nos “o mundo do terror e do encanto” que lhe (e também que nos) “obsta o pranto”.

É muita rica, extraordinariamente rica, formalmente, a poesia de Cassiano Ricardo (o poeta substituiu o verso pelo linossigno); rica de invenções formais, mas rica sobretudo e principalmente dessa seiva imponderável que enforma e aquece todos os seus malabarismos estruturais rítmicos e métricos, dando-lhes um conteúdo realmente poético, isto é, conteúdo criador, de grande, imensa seriedade.

Essa riqueza interior é que impede que sua poesia se dilua na gratuidade que enferma tanta produção de vanguarda e lhe confere o peso de uma mensagem (palavra anacrônica e esvaziada de atualidade, mas insubstituível). Pois, de fato, que personagem mais carregado de simbolismo, mais empapado de significação do que Jeremias, o profeta do Velho Testamento? Ele é a figura, a “dramatis persona” do livro de Cassiano, que é pleno de referências culturais, de sentido histórico.

O Jeremias moderno, de 25 anos, olho de vidro, homem do mundo da Astronáutica e da Cibernética, afasta-se de seu modelo bíblico num ponto essencial: não pode chorar, pois o mesmo mundo que está ameaçado pela máquina, de destruição total, tirou-lhe o dom das lágrimas. Vivendo no alvorecer da automação, “ócio dourado”, Jeremias chega a ter a sensação de que não é mais necessário a si mesmo, pois “a máquina reciocina por ele, caminha por ele, gesticula ou fala por ele, faz um poema por ele. A paisagem cósmica com os seus engenhos espaciais, as viagens às estrelas, o espetáculo das explosões atômicas, a teoria da informação, tudo isso, por sua vez, o enche de encantamento, mas também de medo”.

É por esse motivo que acredito ter razão quando afirmo que a poesia de Cassiano é uma poesia imersa nos acontecimentos do tempo presente, e ela será tanto mais legítima e verdadeira, quanto mais souber explicar o absurdo de nosso tempo. A imaginação do poeta está sempre se socorrendo de paralelos e de

referências mitológicas para tornar mais eloqüente a sua elocução e mostrar o vazio do mundo moderno, despovoado de mitos.

Um seu personagem anterior, João torto, representava o homem deformado pela bomba atômica, as deformações de hoje substituindo as metamorfoses da fábula. Trata-se, evidentemente de uma reminiscência ovidiana. No livro atual, Jeremias perde o olho devido à patada que levou de um cavalo no comício de que participava: ao contrário da patada de Pégaso (o cavalo mitológico que fez nascer a fonte de Hipocrene), a patada do cavalo moderno fez estancar a fonte das lágrimas em Jeremias.

O mundo contemporâneo invadido pela máquina não pode mais sofrer a imaginação. Cassiano é o poeta a quem cabe demonstrar essa verdade. Através de Jeremias, “vil pedestre e cosmonauta”, o poeta descobre o mal dos homens numa frase de Sartre: “Ils sont oublié leur propre enfance”.

Somente os poetas escaparam e conseguiram conservar, em si, intacta, a fonte mesmo da infância. Por isso, embora Jeremias passe por momentos de profundo pessimismo, ocorre-lhe a solução mágica: “transformar o mundo automático que conduz ao suicídio, em automático que conduz ao maravilhoso”. Cassiano é um poeta que crê nos poderes da Poesia.

Em que termos, porém, se coloca em **Jeremias Sem-Chorar** essa sua posição em face do problema concreto, escolhido como matéria a ser reelaborada poeticamente: o mundo contemporâneo? Como já disse anteriormente, Cassiano é um poeta projetado violentamente em direção das realidades de seu tempo, um poeta flanqueado pelo temporal e pelo corpóreo, atento aos fatos que se sucedem aceleradamente (estamos vivendo a famosa aceleração da História) diante de si e sofrendo pungentemente na sua própria carne o quinhão catastrófico que nos cabe no dia a dia cibernético e automatizado. O poeta olha a seu redor. Essa é a sua postura fundamental, análoga à de Jeremias que também em seu tempo olhou, contemplou a iniquidade reinante e sobre a sua cidade chorou, compondo os trenós mais melancólicos da poesia bíblica.

Como o profeta do Velho Testamento, o poeta do mundo contemporâneo também está assaltado de mil temores que lhe justificariam plenamente o pranto; mas o Jeremias moderno é “sem-chorar”; há máquinas destinadas a chorar por ele. O poeta, diante dessa impossibilidade, assume humildemente a sua própria fraqueza, a sua debilidade de ser humano fragilmente perdido no mundo da automação e murmura:

“Ó máquina, orai por nós”.

Este é para mim um dos momentos-limites do livro; instante em que a poesia brasileira alcança um dos tons mais graves de sua elocução contemporânea, procurando exprimir o vazio terrível de um mundo dessacralizado. É esse o mundo em que Cassiano aplica os seus dons poéticos, procurando descobrir o veio secreto e desconhecido que leva à salvação.

Ao contrário de outros poetas seus contemporâneos, que se colocam no plano do intemporal e do incorpóreo, Cassiano volta-se para o mundo dos feitos e dos atos concretos, procurando salvar nele o que sobre de humano, de real, de poético; para extrair desse resto esquecido o sangue e a palavra que reponham o homem na sua dimensão ofuscada, afastar aqueles que colocam um “não em lugar da mão”.

Por isso afirmo que Cassiano é um poeta que crê nos poderes da Poesia. E crê além dos limites, no território que eles aparentemente dissertaram e onde feneceram. É assim que ele (ou Jeremias), revestido dessa crença, inicia sua viagem pelo mundo automático:

“Um pássaro pousado na aba
do chapéu. Mãos no bolso.
Um mágico? Um ioungleur?
Só eu sei o prodígio de contenção dos nervos
para não tirar as mãos
do bolso”.

Essa viagem é que convido o leitor a fazer pelas páginas do livro admirável, transbordante de chamados e apelos à parte nobre e rica do homem, vazados num dos mais originais e altos dialetos poéticos do continente americano. É uma viagem, porém, que tem um reverso desesperador, pois é feita pelo único caminho que resta. Não há outra via. Dançando a sua marcha de vagabundo, Jeremias nos procura induzir a aceitar o caminho único, se não quisermos perecer de uma forma não suspeitada, nunca suspeitada de morte, a morte da era atômica:

“A morte é hoje diferente
da que cometeu Caim. O fraticida
já não mata, apenas, seu irmão.
Aquele que matar primeiro mata-se
a si próprio, automaticamente”.

Para arrancar-nos a essa dialética da morte, Jeremias aponta para a infância. Só há um recurso: transformar a angústia que a ciência hoje causa “em emoção, em lírica pausa”.

Para tanto Jeremias se mistura às crianças, vestido de urso, pois

“as crianças não tem o dom
de contemplar mas adoram
ver os bichos que se movem,
sem ninguém os fazer andar”.

É preciso, entretanto, esclarecer que, embora chocado diante do mundo da máquina, o poeta (ou Jeremias) conserva bastante o seu espírito de infância para não tombar no profundo pessimismo dos que sabem que as civilizações são mortais.

O mundo da astronáutica o seduz como um espetáculo de fogos de artifício. O ideal do poeta é que Gog e Magog se aquietem e se reconciliem, as bombas se transformem em pombas e a lua passe a ser, efetivamente, “uma continuação da rua”. A sua profunda crença nos poderes da Poesia o leva a essa posição original de esperar que ela possa, através da reintrodução do espírito de infância, salvar, dignificar, retificar o mundo que vai tombando na automação.

O poeta se vota a arrancar o homem das garras da máquina e projetar essa mesma máquina destruidora no caminho inverso, no caminho mágico, no caminho da salvação. Jeremias quer realizar o prodígio de salvar concomitantemente o homem e a máquina, através dos poderes da Poesia.

Espero ter conseguido transmitir uma idéia pelo menos fiel e não transfiguradora do conteúdo desse livro admirável que é **Jeremias Sem-Chorar**. Todo o meu esforço, porém, é apenas uma introdução: o essencial é mergulhar nos poemas e voltar à superfície transfigurado.

28-06-1964